

2 A INTERDISCIPLINARIDADE NA GERONTOLOGIA SOCIAL.¹

*Vera Maria Antonieta Tordino Brandão²
Beltrina da Purificação da Côrte Pereira³
Ivani Catarina Arantes Fazenda⁴*

RESUMO: Há cerca de 20 anos, quando iniciamos os estudos sobre o processo de envelhecimento, as pesquisas acadêmicas apontavam para um saber geriátrico com foco nas doenças, fragilidades, perdas e morte, o que contradizia nossas experiências cotidianas com idosos. A mudança de perspectiva era realidade em países desenvolvidos, mas no Brasil só ao final da década de 1980 abrem-se possibilidades para compreender o envelhecimento humano como processo dinâmico e multidimensional. Iniciam-se estudos focados no ser integral, com velhices plurais, panorama favorável à implantação dos cursos de Gerontologia Social, graças às parcerias e articulações entre profissionais de disciplinas específicas, base para adoção da perspectiva interdisciplinar. Articular conhecimentos disciplinares variados em gerontologia requer postura diferenciada do pesquisador e docente, pois o ser que envelhece tem desejos e esperanças, fragilidades físicas e emocionais, não pode ser visto unilateralmente. O objetivo da análise documental de cunho etnográfico proposta, recorte do projeto de pós-doutorado em Gerontologia Social, é desvelar e fortalecer o conhecimento gerontológico social interdisciplinar, na construção da cultura da longevidade digna e solidária.

Palavras-Chave: gerontologia social, interdisciplinaridade, pesquisa, construção de conhecimento.

¹ Trabalho apresentado na ANPEDE Sudeste 2014 (12 a 15 de outubro). São João del Rei. Organização UFSJ. Eixo temático 2 - Pesquisas e Práticas educacionais.

² **Vera Maria Antonieta Tordino Brandão:** pesquisadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento NEPE-PUC/SP (PEPG em Gerontologia), Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade- GEPI do Programa de Pós Graduação: Educação/Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Pedagoga (USP). Mestre e Doutora em Ciências Sociais – Antropologia (PUCSP). Pós-doutorado em Gerontologia Social. Pesquisadora CNPq (PUCSP). Editora da Revista Portal de Divulgação. www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/ CV: <http://lattes.cnpq.br/7416241967025927>; Contato: veratordinobrandao@hotmail.com

³ **Beltrina da Purificação da Côrte Pereira:** Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP e coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. Jornalista, doutorado e pos.doc em Ciências da Comunicação pela USP. Integra a Rede Iberoamericana de Psicogerontologia (Redip) e é editora de conteúdo do Portal do Envelhecimento. CV: <http://lattes.cnpq.br/2236463664195609>; Contato: beltrina@pucsp.br

⁴ **Ivani Catarina Arantes Fazenda:** Professora Titular do Programa de Pós Graduação: Educação/Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade – GEPI. Livre docente em Didática pela Universidade do Estado de São Paulo (UNIVESP/1991). Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (UNESP/1984). Mestre em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP/1978). CV: <http://lattes.cnpq.br/9538159500171350>; Site: <http://www.pucsp.br/gepi/> Contato: ifazenda@uol.com.br

ABSTRACT: Approximately 20 years ago, when we started to study the aging process, academic research pointed to a geriatric knowledge that focused on diseases, fragilities, losses and death, which contradicted our daily experiences with older adults. The change in perspective was already a reality in developed countries, but in Brazil, only at the end of the 1980s did human aging start to be understood as a dynamic and multidimensional process. Studies focusing on the integral being with many types of old age were initiated, a panorama that was favorable to the implementation of Social Gerontology programs, thanks to the partnerships and articulations among professionals from specific disciplines, the basis for the adoption of the interdisciplinary perspective. Articulating varied disciplinary contents in gerontology requires a different posture of the researcher and teacher, as the being that ages has desires and hopes, physical and emotional fragilities, and cannot be seen unilaterally. The aim of the ethnographic documental analysis that is proposed here, which is part of a postdoctoral project in Social Gerontology, is to unveil and strengthen the interdisciplinary social gerontological knowledge, in the construction of the culture of a dignified and supportive longevity.

Keywords: social gerontology, interdisciplinarity, research, knowledge construction.

INTRODUÇÃO.

A revisita à trajetória de 20 anos de pesquisa e docência na área da Gerontologia Social situa-se em momento no qual as previsões demográficas sobre o envelhecimento populacional indicam que daqui a seis anos:

Devido à continuidade do decréscimo do número médio de filhos das mulheres, a quantidade absoluta de crianças de 0 a 4 anos deve cair para 13,3 milhões, representando 6% da população total, sendo 6,8 milhões de meninos e 6,5 milhões de meninas. A população idosa deve chegar a 41,6 milhões de pessoas, representando 18,7% da população brasileira. (DINIZ ALVES, 2014, p. 4)

Quando iniciamos o trabalho junto ao público idoso esse universo parecia longínqua perspectiva, e as previsões de aceleração do envelhecimento populacional estavam abaixo das que hoje se constatam. A sociedade, em todos os aspectos, muda contínua e aceleradamente e o aumento da população longeva traz um desafio adicional, porque é experiência jamais vivida pelos humanos.

Neste panorama encontramos na análise documental, entre muitas possibilidades da pesquisa qualitativa, a abordagem para guiar o caminho de revisita ao processo de construção de um saber acadêmico vivido “por dentro”, propondo a reflexão crítica de experiências de vida e formação em um tempo determinado.

May (2004) assinala que a pesquisa documental é feita de escavações e evidências. Segundo ele,

Os documentos, lidos como as sedimentações das práticas sociais têm o potencial de informar e estruturar as decisões que as pessoas tomam diariamente e a longo prazo; eles também constituem leituras particulares dos eventos sociais. Eles nos falam das aspirações e intenções dos períodos aos quais se referem e descrevem lugares e relações sociais de uma época. (MAY, 2004, p. 205).

Seguindo a reflexão proposta por Augè (1994, p.14), e fundamentada nos estudos pós-graduados em Ciências Sociais, assumimos o papel do etnólogo, que “[...] se encontra em algum lugar (seu aqui do momento) e que observa e escuta naquele momento mesmo [pois] a etnologia supõe um testemunho direto”.

É escolha passível de críticas, pois o pesquisador mesmo bem preparado tem olhar único, formado nas circunstâncias de sua cultura e lugar de origem, sendo a subjetividade desafio a ser enfrentado. A explicitação dos passos dados, das hesitações, desvios de rota, entre outros, torna mais claro o trabalho etnográfico, conferindo-lhe a conotação de verdade possível, perspectiva deste trabalho.

A etnografia em educação, na observação da estruturação de saber renovado, tem contexto cultural específico, e perspectiva do duplo olhar: de dentro – experiência vivida; de fora, ou externa - ao observar o caminho percorrido. Olhamos o que fomos, fizemos, vivemos, observamos no passado, mas sob a marca do tempo presente – um novo “aqui do momento” -, que se entrelaça com passado e futuro, para fertilizá-lo.

Chizzotti (2003) afirma a pesquisa como prática social relevante de ensino-aprendizagem na formação de gerações futuras, progresso que suscitará, continuamente, novas questões teórico-metodológicas, impulsionando a construção de saberes.

GERONTOLOGIA SOCIAL – PERCURSO.

Ao longo da história a construção social da figura do velho, e a busca pelo ‘milagre’ da longevidade, têm seus primeiros registros na *A Epopéia de Gilgamesh*, um dos mais antigos mitos babilônicos, datado de 5.000 AC. Ele apresenta o herói, ‘dois terços divino e um terço humano’, que ao desagradar os deuses é punido, tornando-se apenas humano e, assim, sujeito à fragilidade e à finitude, temas existenciais presentes desde o início da história da civilização ocidental. Outras referências históricas indicam que o significado de velho ou envelhecer foi sempre ligado a perdas, fraqueza e morte, e a partir dos anos 1.500 AC já aparecem fórmulas para afastar ou retardar a velhice.

Ao longo da história, em diferentes culturas, a figura do velho e seu papel social oscilaram entre desprestígio / exclusão e valorização - o 'sábio', depositário do saber ancestral, base da sobrevivência do grupo - permeadas pelo temor do trinômio envelhecimento/ fragilidade-doença/ finitude, e busca da prevenção e equilíbrio favorecedores de vida longa, enfatizando a importância do cuidado da saúde.

A partir do século 18, com o desenvolvimento acelerado das ciências, surgem estudos menos pessimistas em relação ao envelhecimento, como, por exemplo, a afirmação do médico americano *Benjamin Rush* (1745-1813), que envelhecimento não é doença. No início do século (1909) é criado o ramo da Geriatria em Medicina e fundada (1912) a Sociedade de Geriatria em Nova York, por Ignatz Leo Nascher (1863-1944) - considerado o pai da moderna Geriatria. Em evolução contínua, mundialmente, só em 1961 é sistematizada no Brasil com organização da Sociedade Brasileira de Geriatria, posteriormente Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

Aos poucos os serviços em gerontologia foram implantados nos hospitais escolas, e é espantoso constatar que apenas em 1979 é criado o Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas, e em 1992 a disciplina de Geriatria é incluída na USP como obrigatória no currículo do 4º ano médico. (PAPALÉO, 2002).

Esta breve abordagem indica a lentidão do processo de implantação das disciplinas específicas na área da gerontologia no Brasil, mas estabelecidas impulsionaram o ensino e pesquisa propiciando o surgimento das primeiras leis e ações governamentais voltadas aos idosos, graças também ao trabalho de muitos pioneiros da área social.

As mudanças sociais trazidas pela transição demográfica são hoje realidade, impulsionando, organizando e construindo práticas de cuidados e reinserção desse grupo social crescente. Os avanços na área de prevenção à saúde, ligados diretamente ao desenvolvimento da medicina, estabelecem a perspectiva da longevidade avançada, considerando os indivíduos com 80 e mais anos, grupo crescente nas análises demográficas. Mas, como viver a longevidade anunciada? Como pesquisas e ensino podem impactar as instituições públicas, privadas, e a sociedade organizada, para superação de mitos e preconceitos visando nova e importante demanda: Viver muito! Viver Bem!?

No panorama da crescente longevidade gostaríamos, entre tantas questões, de destacar a importância da formação acadêmica, formação continuada de profissionais na prática, e pesquisa por estudiosos das diferentes disciplinas, na resposta às questões: Estariam os profissionais de diferentes áreas do saber preparados para o cuidado especializado ao idoso? Não estariam ainda "presos" a uma ultrapassada visão geriátrica que fazia tábula rasa no assunto – Velho é tudo igual! Velho não muda, não aprende?

No início de prática cotidiana com idosos (1992) eram as impressões e expressões que ouvíamos desmentidas pela realidade, mas também sem respostas adequadas nas pesquisas. A participação (1994) no Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – NEPE / PUCSP, constituído de profissionais de diferentes disciplinas agrupados a partir de pesquisa da ONU (1987) sobre o apoio aos idosos, e que gestava o projeto de mestrado em gerontologia, marcou o início de nossos

estudos sistematizados e pesquisas, ampliando a compreensão da área e fortalecendo a prática.

A idealizadora e líder do grupo prof^a Dra Suzana Medeiros afirma que a busca por pesquisadores para o projeto da ONU foi sua primeira experiência interdisciplinar. De diferentes áreas disciplinares vieram alunos interessados e, no entrecruzamento entre conhecimentos e experiências de campo, surgiu o NEPE e a 'semente' do mestrado em Gerontologia Social da PUCSP, implantado em 1997. Segundo a autora a longevidade é um desafio filosófico, social, político e científico.

Filosófico, porque a velhice carece de um novo sentido e requer uma ética nova. Social, porque os velhos ainda não têm um lugar na sociedade atual. Político, porque a existência de um número maior de velhos exige políticas e ações que permitam ao segmento idoso viver como cidadão. Científico, pois não basta sobreviver, a ciência quanto a tecnologia devem, com seus avanços, colaborar para a melhoria da qualidade de vida daqueles que envelhecem. (MEDEIROS, 2001 – prefácio).

A perspectiva interdisciplinar, antevista na seleção de pesquisadores em 1988, surge nas suas palavras:

A velhice é um tema complexo [...] não é um evento que possa ser discutido por apenas uma disciplina. Exige diferentes olhares e, portanto, do ponto de vista metodológico, ele só pode ser trabalhado através da interdisciplinaridade [e que] a luta é transmitir conhecimento, sólida formação teórica e, por que não dizer sólida formação pessoal. (MEDEIROS, 2003, p.121-124).

INTERDISCIPLINARIDADE – O ENCONTRO.

A formação de base pedagógica fazia com que o tema da Interdisciplinaridade não nos fosse desconhecido, mas se ampliou e aprofundou com leituras e as reuniões no NEPE, momentos nos quais reconhecia, surpresa, que as buscas teóricas e a prática docente que nos guiavam, se alinhavam com as perspectivas interdisciplinares. Essa busca, aliada a questões surgidas no doutorado em Ciências Sociais, nos aproximou pessoalmente da prof^a Dra Ivani Fazenda. Com seu apoio, a partir do ano 2000, nos integramos ao Grupo de Estudos e Pesquisas interdisciplinares – GEPI - do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação-Currículo, momento decisivo que estabelece e consolida nossa base interdisciplinar nos estudos, pesquisas e práticas docentes.

No processo dinâmico de construção e consolidação do programa de pós-graduação interdisciplinar, marcante foi o momento no qual foram reunidos, em evento promovido em 2002, representantes dos três programas, *stricto sensu*, existes à

época no Brasil⁵: UNICAMP (1997); PUCSP (1997); PUC-RS (2000), este articulado com a área Biomédica.

Ante as indagações que acompanhavam esse início de trajetória o evento procurava problematizar a questão fundante: O que é ciência e o que é o saber científico? Ciência e conhecimento são diferentes? Gerontologia é uma ciência? Como construir áreas de interfaces do saber?

As diferentes palestras indicavam uma construção em processo, no qual a perspectiva interdisciplinar mostrava-se como coerente possibilidade. Entre elas podemos destacar a mesa redonda⁶ que apresentou as perspectivas da construção de um saber com bases teóricas sólidas – a história da ciência tem 150 anos de estudos interdisciplinares – mas ainda questionada por muitos.

Em *Como se daria a construção de áreas interface do saber*, a prof^a Ana Maria Alfonso-Goldfarb, à época coordenadora do PEPG em História da Ciência PUCSP, apresenta “o debate histórico e epistemológico sobre quando, onde e como nasceram as ciências, como interagem, como transferem métodos entre si e, como, a partir de duas ou mais áreas que normalmente parecem não compartilhar nada, forma-se uma base nova e sólida de conhecimento”. (ALFONSO-GOLFARB, 2003, p.55). O prof. Ubiratan D’Ambrósio em *Novas possibilidades da ciência* afirma que “a ciência não é mais do que um sistema de explicações [disciplinas]”. Ele vê a fragmentação do conhecimento - necessária e simultaneamente restritiva - como “gaiolas epistemológicas” que dificultam a circulação do saber. Segundo ele só podemos avançar se conseguirmos “voar” para fora dessas “gaiolas” ao encontro de outras possibilidades de articulação de conhecimento “misturando métodos [...] objetivos [...] criando um modo próprio de voar. E assim nascem as interdisciplinas”. (D’ AMBRÓSIO, 2003, p.70). A prof^a Ivani Fazenda em *Uma experiência na universidade* relata seu percurso na área interdisciplinar e os desafios dessas “ousadias”, desde o início de seus estudos acadêmicos, USP anos 1960 sob influência do prof^a Laerte Ramos de Carvalho, às descobertas feitas ao longo dos anos de trabalho docente e pesquisa, até quando na PUC como mestranda começa vislumbrar possibilidades de ampliação deste conhecimento latente, materializado na dissertação **Interdisciplinaridade, efetividade ou ideologia**. (FAZENDA, 2003, p. 85-90). Base do caminho longo, fértil e referência na área.

A influência recebida desses e outros professores e autores foi (trans) formadora e têm balizado nosso caminho nas reflexões teóricas, pesquisas e prática docente.

A FORMAÇÃO REFLEXIVA.

⁵ V Semana de Gerontologia (dez 2002) – **Gerontologia**: perspectivas teóricas e metodológicas. Material publicado na *Revista Kairós*. São Paulo: EDUC. 2003. V.6 – n.1, jun.

⁶ Mesa redonda com a participação dos professores Ana Maria Alfonso-Goldfarb; Ubiratan D’ Ambrósio; Ivani Fazenda e comentários da saudosa prof^a Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza.

A longevidade como fenômeno, e a gerontologia como área de conhecimento, estão em constante e acelerada mudança, e os formadores, pesquisadores e profissionais na prática de atendimento são confrontados, cotidianamente, com novos desafios. Abordamos, neste sentido, a questão da educação continuada, na perspectiva da formação em processo do profissional reflexivo (SCHON, 2007), desafio que se impõe aos pesquisadores e docentes na sociedade atual. A educação adquiriu um caráter instrumental, um treino para resultados, mas que não fornecem bases sólidas ante as exigências resultantes da acelerada transformação social e tecnológica. A comunicação em tempo real – aqui/agora - impele ao consumo constante de informações que não temos tempo de apreender e, conseqüentemente, elaborar e transformar em saber consistente.

Como realizar o imprescindível processo de educação continuada crítica e articulada interdisciplinarmente? Qual o sentido buscado e que guiam nossas escolhas? No que mudamos, nós e nossos projetos? O que conservamos do sentido-paixão que nos fez trilhar esse caminho? Quais os desvios feitos? Por que escolhemos a Gerontologia e o convívio com idosos? (BRANDÃO, 2009)

A educação continuada crítica e interdisciplinar instiga o profissional a revisitar as escolhas feitas e a *praxis*. Observamos que são muitas as questões em formação e pesquisa, impostas pela crescente imposição da profissionalização para o mercado. Japiassu (1995), em sua crítica ao *modelo* vigente, afirma que “a lógica do conhecimento submete-se à lógica da encomenda, conseqüentemente, à lógica do mercado”. (JAPIASSU, 1995, p.79). Como refletir sobre os temas ensino e pesquisa – a construção do saber - em um tempo de *movimento e incerteza*, que caracteriza a *sobremodernidade e a lógica do mercado*? (BALANDIER, 1997).

Segundo Schon (2007), o ensino prático reflexivo é elemento-chave na educação profissional atual, ponte entre o mundo acadêmico e a prática profissional. Muitas de nossas escolas e universidades estão orientadas apenas pela disciplina e a lógica do mercado, desarticuladas de contextos essencialmente complementares, e dos desafios reais do cotidiano no mundo do trabalho.

Ressaltamos que a tecnologia é resultado do avanço humano nas ciências, buscando o progresso por “um mundo melhor”. No processo de instrumentalizar conhecimentos e práticas perde-se o fator surpresa - visto como “falha” ou falta de competência -, que pode nos encaminhar para a atitude de reflexão na ação. No processo de educação continuada reflexiva nos deparamos com o denominado **conhecimento emancipatório**, como proposto por Santos (2000), no contexto de uma teoria crítica que se imponha ao **consenso de resignação e razão indolente** – perspectiva de aceitação ante a homogeneização decorrente das globalizações, que afeta toda a formação. O autor propõe como alternativa **(des)pensar para (re)pensar** – novas formas de aprendizagem e ações sociais, valorizando os sujeitos e suas singularidades sócio históricas e individuais.

Na área da gerontologia social a educação continuada, na perspectiva crítica e interdisciplinar - aliando teoria e prática dos diferentes profissionais –, pode ser considerada caminho do conhecimento que resulte em ação comprometida. Diretamente vinculadas à vida cotidiana dos milhões de brasileiros idosos, questões relacionadas à identidade e subjetividade, às trocas sociais e afetivas, à saúde, à previdência social, ao trabalho, à família e às políticas públicas, dentre outras,

encontram-se na pauta dos recentes estudos e pesquisas. O exercício de reaprender e refazer, individual e coletivo, se concretiza no movimento da escuta sensível de nós mesmos e dos outros. Descobrir, construir, aprender e ensinar com e a partir da intersubjetividade, “pois o segredo está na intenção da troca”. (FAZENDA, 2001 b, p. 22).

Os projetos de ensino, pesquisa e formação continuada devem ter sentido para que possam ‘encantar’ os envolvidos, na busca de renovação ou início de caminho - despertar neles o desejo de conhecer – uma viagem de aventura – a aventura da descoberta. Esse caminho de descoberta deve ser percorrido em conjunto – alunos, professores, pesquisadores - e as perguntas geradoras de reflexões devem ser lançadas a todos, perspectiva que implica diálogo, parceria e interação de intersubjetividades, desafio que exige clareza dos objetivos, tempo de reflexão e de espera, no qual seja praticada a difícil arte da humildade ante o saber-fazer dos demais e diante das limitações recíprocas. (FAZENDA, 2001a).

Este exercício é imperativo na Gerontologia Social e tarefa exigente. As questões teóricas e filosóficas indicam a necessidade da compreensão da velhice como fenômeno complexo, que abriga um conjunto de saberes e áreas de conhecimento - sociologia, psicologia, antropologia, serviço social, economia, política, direito, biologia, filosofia, entre outras - para uma compreensão abrangente e ao mesmo tempo substantiva.

Esse conjunto de saberes deve ser pensado como relações e interfaces, características da interdisciplinaridade. Refletir sobre a velhice, nessa perspectiva, sugere o desenvolvimento de novo olhar, novo pensar a respeito dos vários significados e dimensões do envelhecer.

Apresentamos aqui o recorte que realizamos no contexto de um projeto amplo, que contempla os temas: longevidade, educação continuada e mídia, instrumento atual de divulgação de conhecimento, vertente de trabalho desde 2004. Concluindo, gostaríamos de destacar os pressupostos teórico-metodológicos, aqui brevemente abordados, citando trecho da apresentação institucional do projeto do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia Social da PUCSP. (GERONTO, 2014)⁷:

Embora o processo de envelhecimento populacional venha ocorrendo há tempos, o reconhecimento acadêmico da Gerontologia como área de conhecimento é ainda recente. Diferentes autores têm feito referência à juventude da nova ciência, localizando, entretanto, seu nascimento no fim da década de 1940. Desde então esse campo interdisciplinar vem se consolidando e a criação de cursos - como o Programa de Estudos de Pós-Graduados em Gerontologia/Mestrado da PUC-SP – tem contribuído para sistematização científica do conhecimento construído sobre esse tema. A Gerontologia estuda o envelhecimento humano levando em conta não apenas o efeito desse processo sobre os sujeitos, como também sobre os contextos sociais nos quais eles se encontram e estão inseridos. Atualmente, perspectivas interdisciplinares têm constituído a base para o

⁷ GERONTOLOGIA, 2014: Site Institucional. <http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/gerontologia#apresentacao> Acesso em set/2014.

desenvolvimento desse campo de saber. Isso significa que, do ponto de vista teórico-metodológico, o entendimento da velhice e do processo de envelhecimento tem como ponto de apoio “colocar em diálogo” óticas instauradas em diferentes disciplinas. Isso significa que forças conceituais de áreas diversas mobilizam a investigação que entrelaça, de modo complexo, as várias dimensões da existência humana (biológica, psicológica e sociocultural). O Programa se abre para o debate, entendendo que é no *lócus* sociocultural que as etapas da vida são significadas, influenciando percepções e comportamentos. Portanto, a reflexão que fundamenta a formação dos alunos parte da assunção da dupla natureza do corpo humano: ao mesmo tempo natural e cultural. Não sem razão, ênfase é dada ao caráter dinâmico e recíproco da relação entre o biológico, o psicológico e o sociocultural. (GERONTOLOGIA, 2014).

Em sua história, desde a implantação, muitos foram os desafios e os preconceitos, também relativos à perspectiva social do programa, a serem superados, mas hoje:

O protagonismo do Programa não se restringe apenas ao fato de ter dado reconhecimento à complexidade do objeto de estudo da Gerontologia (e, conseqüentemente, da exigência de abordá-lo numa perspectiva interdisciplinar), mas também de se apresentar como o programa brasileiro de pós-graduação *strictu sensu* cuja área de concentração é a Gerontologia Social. Do ponto de vista institucional, esse compromisso se fortaleceu ainda mais quando o Programa foi alocado, em 2009, na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS). Cabe esclarecer que seus docentes pertencem a diversos departamentos e Faculdades da Universidade, tais como: Ciências Sociais, Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Educação, Ciências Médicas e da Saúde, Ciências Humanas e da Saúde, favorecendo a promoção de atividades conjuntas, interdepartamentais. (GERONTOLOGIA, 2014).

REFERÊNCIAS.

AUGÉ, M.. **Não-Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BALANDIER, George. **A Desordem** – Elogio do Movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BRANDÃO, V.M.A.T. A Construção do Saber Gerontológico - Reflexões Interdisciplinares. In Ribeiro do Vale L.H (et al) **Neurociências na Melhor Idade**. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito, 2009, pp. 202-214.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e Desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. 2003. vol 16 – n. 2, pp 221-236

DINIZ ALVES, J.E. Transição demográfica, transição da estrutura etária e envelhecimento. **Revista Portal de Divulgação**. 2014. ano IV, nº 40. <http://portaldoenvelhecimento.org.br/revista-nova/index.php/revistaportal>

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. São Paulo: Papyrus, 2001 a

_____. (org.) **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001 b.

JAPIASSU, Hilton. “A Crise das Ciências Humanas”. In: Fazenda, I. (org). **A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento**. São Paulo: Papyrus, 1995.

MAY, T. **Pesquisa Social – Questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artemed. 2004.

MEDEIROS, S.A.R. Editorial. **Revista Kairós**, São Paulo: EDUC, 2001. v. 4 (1).

_____. Editorial. **Revista Kairós**, São Paulo: EDUC, 2003. v. 6 (1).

_____. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUCSP. **Revista Kairós**, São Paulo: EDUC, 2003. v. 6 (1).

PAPALÉO, N, M. **Gerontologia – A Velhice e o Envelhecimento em visão Globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002.

SANTOS, Boaventura S. **A Crítica da Razão Indolente. Contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHON, Donald, A. **Educando o Profissional Reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Artmed, 2007.
